
A objetividade jornalística como dispositivo restritivo no encontro com a alteridade¹

Gabrielle de PAULA²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS

Resumo

Este artigo propõe uma discussão acerca do compromisso jornalístico em atender aos valores do campo, como o critério da objetividade, em contraposição à subjetividade presente na construção da narrativa jornalística. É abordada a influência do paradigma moderno-positivista (GENRO FILHO, 1989; VEIGA, 2015) no jornalismo, assim como os valores sociais hegemônicos que se misturam nas práticas e nas relações interpessoais. Apresentam-se alguns exemplos da hesitação da imprensa brasileira em aprofundar questões estruturantes como o racismo para a desconstrução de estereótipos. Assim, reflete-se sobre a necessidade de uma maior abertura à subjetividade e à complexidade de representação construída em torno de grupos minoritários e/ou marginalizados em narrativas que ganham repercussão em jornais de referência.

Palavras-chave: objetividade; alteridade; jornalismo.

Introdução

Embora saibamos que a imprensa esteja inserida em um modelo de negócios que visa o lucro, ainda é perceptível no discurso comum e na formação dos profissionais uma busca em atender aos valores históricos do campo, como o princípio da objetividade, a fim de atestar uma suposta isenção em nome da chamada credibilidade jornalística.

Os profissionais de comunicação enfrentam o desafio de identificar para o público de que a obrigação do jornalismo seria com “a verdade”. Apesar de um conceito confuso, a verdade cria uma sensação de segurança e está na essência das notícias. O discurso do relato jornalístico é feito com base em um sentido de fidelidade ao retratar o

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em Comunicação e Informação e pesquisadora do Núcleo de Estudos em Jornalismo e Publicações Culturais do Laboratório de Edição, Cultura e Design (Lead) - FABICO/UFRGS, e-mail: gabispaula88@gmail.com.

mundo: “O produto jornalístico funciona como ‘documento público’” (PARK *apud* FRANCISCATO, 2005, p. 169). Dessa forma, o ofício jornalístico, historicamente, é visto como comprometido em fornecer informação de qualidade, fiscalizar os poderes e verificar.

Diante de um contexto de acirramento de ideologias e difusão de *fake news*, não só no Brasil mas em todo o mundo, a compreensão das empresas jornalísticas é de que é necessário reafirmar esses valores, como forma de diferenciar-se, garantir os preceitos democráticos e, sobretudo, sustentar seus negócios. No entanto, todo conhecimento, inclusive o jornalístico, deve ser pensado em suas relações mais amplas com a cultura e com o poder, para que as desigualdades não sejam reproduzidas. As narrativas são lugares nos quais as representações não podem ser apartadas da forma como são mediadas.

Diversas reflexões e estudos apontam para uma crítica na crença de termos como “imparcialidade” e “neutralidade” no campo jornalístico e, para além deles, do argumento da objetividade nas reportagens. A discussão não se esgota, porque mesmo que pautas progressistas como a questão imigratória, os direitos das mulheres, da população LGBT e o debate racial tenham ganhado mais espaço nos veículos de comunicação, ainda é preciso compreender como o valor da objetividade pode contribuir no distanciamento do jornalismo de um encontro com a alteridade, em que os sujeitos possam ser valorizados em sua diferença, e não apenas retratados pelas violências que sofrem enquanto minorias.

Conhecimento Jornalístico: do paradigma objetivo à subjetividade da prática

Desde o contexto da Revolução Científica, aspectos que abrangem a atividade jornalística – como a busca pela verdade, a objetividade e o serviço ao público – já eram percebidos. As circunstâncias do surgimento da atividade profissional do jornalista ocorreram em um cenário de urbanização. Esse cenário e a sua configuração econômica, moldaram o jornalismo para a construção de narrativas que comunicassem as relações políticas e o comércio da metrópole, tornando a notícia mercadoria. O que se percebe ainda hoje é que a objetividade e a neutralidade, bases do cientificismo, são valores que aparentam predominar o fazer jornalístico.

Adelmo Genro Filho (1987) compreende a objetividade jornalística como uma relação com os modos de produção do conhecimento postulados no paradigma moderno, e influenciado pela noção de verdade do cientificismo, como forma de assegurar o valor de credibilidade dos discursos e representações produzidos pelo jornalismo. Por definição, o que é objetivo se encontra fora do sujeito e, assim, externo à consciência, sendo o resultado de uma observação independente das preferências individuais. Diante do público, em um contexto de formação dos Estados-Nação, o valor de independência se acentuou, assim como a importância da objetividade nos relatos dos fatos.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, é possível identificar uma concepção do que é real e verdadeiro fortemente estabelecida. Resumidamente, esta concepção propõe que a realidade é material e passível de ser conhecida, através da evidência dos fatos que a compõem. Nesta concepção, o discurso que se adequa e não contradiz os fatos da realidade é o discurso verdadeiro (MEDITSCH, 2001, p.3).

Marcia Veiga (2015) explica que esses pressupostos demonstram como o jornalismo vê a realidade e como seus marcos teóricos e técnicos prevalecem na prática jornalística e na formação dos profissionais. Os tipos de conhecimento jornalístico, seja na forma das notícias, nas teorias ou nas práticas de ensino são perpassados predominantemente a partir do paradigma moderno/positivista que legitima o saber como verdade, além das visões de uma estrutura capitalista, masculinista, racista, heterossexista e ocidentalista. Uma vez que o conhecimento científico opera como um dispositivo político e pedagógico, adota-se a noção de “Olho de Deus”, típica do cientificismo, e suas estratégias de apagamento do sujeito cognoscente na leitura da realidade – neste caso, o jornalista (VEIGA, 2015). A escrita na terceira pessoa, os tipos de fontes e a linguagem adotada são algumas das estratégias utilizadas que, na busca pela objetividade, acabam delineando os temas de maneira reducionista e simplista, até mesmo para pautas mais complexas que envolvem a sociedade.

Se os fatos é que são a realidade, resta descrevê-los de maneira objetiva, anulando toda a intervenção do sujeito no resultado de sua descrição. Esta pretensão, que sustenta o ideal de objetividade no jornalismo, revela-se falaciosa quando se constata que a não-intervenção não passa de uma ilusão: as pesquisas sobre a construção da notícia e sobre a sua forma demonstraram que a própria noção de objetividade e a maneira de se adequar a ela varia com as circunstâncias (TUCHMAN; SCHUDSON *apud* MEDITSCH, 2001, p.5).

Dessa forma, tanto a racionalidade objetiva do jornalismo, quanto as compreensões dos jornalistas sobre suas atuações, são produtoras de universalismos. O universalismo é a concepção eurocêntrica que estabelece que somente a partir de uma epistemologia se realizam as perguntas e se encontram as soluções para todos no planeta (GROSFOGUEL, 2012). Ou seja, há uma tentativa de reafirmar um tratamento igual para tudo e para todos, sem considerar as diferenças que nos constituem.

A homofobia, o racismo, o sexismo, o heterossexismo, o classismo, o militarismo, o cristianocentrismo, o eurocentrismo são todas ideologias que nascem dos privilégios do novo poder colonial capitalista, masculinizado, branqueado e heterossexualizado. Não se pode pensar estas ideologias separadas umas das outras. Todas integram a matriz de poder colonial que em nível global ainda existe (GROSFOGUEL, 2012, p.343).

Veiga (2015) também aponta que é na universalidade que as visões de mundo hegemônicas acabam sendo mais amplamente circulantes na cultura, já que ela é matéria-base sobre a qual a realidade é compreendida e simbolicamente produzida. Para a autora, as formas preeminentes de conhecer a realidade que são compartilhadas pelo jornalismo necessariamente deveriam ser reconhecidas para serem problematizadas. Só assim poderíamos incidir nos modos como os sentidos de verdade são compreendidos e reproduzidos “neste processo que é mediado pelos jornalistas e que, por fim, resulta num conhecimento precário do mundo, reproduzidor de hegemonias, na forma do conhecimento social das notícias” (VEIGA, 2015, p. 53).

O processo de produção das notícias, além de ser socialmente construído, envolve critérios de noticiabilidade pré-estabelecidos. Ao traçar um panorama das diferentes abordagens teóricas do jornalismo, Traquina (2012) diz que a função dos jornalistas em definir aquilo que será noticiado contribui para a construção da realidade. O paradigma construcionista constitui uma oposição à teoria do espelho³, e consequentemente à ideologia jornalística, de que o jornalismo reflete a própria realidade. Segundo o autor, a realidade construída é seletiva, já que é produzida por meio de inúmeras interações sociais entre os profissionais do campo com três diferentes grupos de agentes, entre eles, as fontes, os outros jornalistas que compartilham a ideologia e a própria sociedade (TRAQUINA, 2012).

³ É a teoria mais antiga, inspirada no Positivismo do filósofo francês Auguste Comte (1798-1857). A teoria acredita e defende a ideia de objetividade no jornalismo.

A partir das suposições sobre o que é a sociedade e como ela funciona, o jornalismo constrói um tempo social e projeta significados inseridos num determinado contexto, já que partilhamos conhecimentos comuns ao fazermos parte da mesma sociedade (HALL et. al., 1999). Essas identificações culturais, os chamados mapas de significados, são o que dão sentido aos acontecimentos noticiados pelos jornalistas. Nesse processo social, o jornalismo está legitimado para identificar, classificar e contextualizar os acontecimentos noticiosos. O papel institucionalizado da mídia (FRANCISCATO, 2005) faz com que as pessoas deleguem aos profissionais que trabalham nos veículos de comunicação a missão de lhes narrar/dizer o que é relevante.

Diante dessa perspectiva subjetiva, a problemática da representação fica evidenciada, já que o ato de narrar pode revelar valores preponderantes para a compreensão do mundo. Por conseguinte, a produção de textos e imagens pautados por uma classificação prévia significa dar forma ideológica e cultural às informações (RESENDE, 2007). Ainda que o campo jornalístico carregue o papel de guardião da democracia, não é possível assegurar uma independência no tratamento dos fatos, já que, muitas vezes, estamos nos referindo a grandes conglomerados econômicos da imprensa e, sobretudo, de subjetividades na prática jornalística.

Objetividade jornalística e o (des)encontro com a alteridade

A representação é um processo, uma prática central da cultura e está estreitamente relacionada com uma herança colonialista, na qual a disputa de poder envolve a produção de sentidos e discursos por aqueles que ocupam os espaços de hegemonia. No caso do jornalismo, essa disputa compreende a narrativa estabelecida sobre os fatos e os personagens. Uma vez que essas narrativas podem se tornar espaço de troca de saberes e visões, pensar na tessitura da narrativa traz à tona o caráter dialógico do discurso jornalístico (RESENDE, 2009).

No encontro com a alteridade há o reconhecimento de um Eu⁴, ou seja, de uma subjetividade agindo na leitura e na representação sobre o Outro. Mesmo que o jornalismo opere na construção da narrativa sob a influência da vertente do pensamento

⁴ A grafia com as iniciais maiúsculas parte do acionamento das teorias psicanalíticas que decorrem da concepção lacaniana que situa o *eu* como instância das relações duais com o *outro*. O Outro antecede o sujeito, que apenas é constituído por meio deste.

científico, aliado ao fato da negação do Eu, os processos de contato com a diferença e de representação cultural demonstram que esse encontro é atravessado pela subjetividade dos sujeitos.

Ao investigar por meio do método de Análise da Narrativa, em pesquisa oriunda de dissertação de mestrado⁵, sobre como o jornalismo representa o espaço do Outro na narrativa das reportagens sobre imigrantes e refugiados de *Zero Hora*⁶, se observou que tanto o espaço de fala dado aos imigrantes, como a imersão na travessia revelaram-se importantes para uma possibilidade maior de entrega à subjetividade do narrador. Nesse sentido, a presença de estereótipos predomina nas narrativas em que os imigrantes têm seus modos de vida analisados pelo narrador ou pelas ditas fontes oficiais. Chama a atenção duas reportagens produzidas com a presença de um mesmo repórter, o jornalista Carlos Rollsing: “Os Novos Imigrantes” (2014), na qual é prometido ao leitor conhecer os novos rostos de imigrantes que estavam modificando o cenário do Rio Grande do Sul naquele período; e “Inferno na terra prometida” (2015), que acompanha a viagem dos haitianos que entram no Brasil pelo estado do Acre.

No que se refere à construção geral de um narrador observador que procura relatar os fatos, nas duas reportagens encontramos a interpretação de significados a partir das referências do repórter, uma vez somos confrontados com uma escrita que retrata nada mais do que o seu próprio ponto de vista. A matéria afirma que haitianos são mais baixos e fortes; senegaleses são mais altos e magros e que ambos são vaidosos e gostam de se vestir bem, principalmente os haitianos, “com marcas famosas e camisas de Messi” (ROLLSING, 2015). Ainda que o recurso narrativo possa ter sido utilizado para criar empatia, é o olhar do narrador que define sobre quem é o sujeito que está sendo narrado. Uma relação que evidencia o poder de classificação e de representação.

⁵ Na dissertação “Nas fronteiras da alteridade: a representação do espaço do imigrante na narrativa jornalística de Zero Hora (2014-2015)”, optamos por mapear as chamadas grandes reportagens ou matérias especiais publicadas no período de maior entrada de estrangeiros no Brasil na última década, que diz respeito aos anos de 2014 e 2015. No mapeamento quantitativo realizado no jornal *Zero Hora*, foram encontradas **22 matérias** que aprofundam as informações sobre a crise migratória atual e a situação de imigrantes no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul. Dessas, foram definidas aquelas que se constituem como grandes reportagens. As reportagens analisadas foram: *Os Novos Imigrantes* (17.08.2014), de Carlos Rollsing e Humberto Trezzi, que destaca o novo processo migratório que começa a vingar no Rio Grande do Sul; *Inferno na terra prometida* (07.06.2015), de Carlos Rollsing e Mateus Bruxel, que acompanha a viagem dos haitianos que entram no Brasil pelo estado do Acre; *Destino Incerto* (04.10.2015), de Carlos Rollsing, que, após um ano, revisita os novos imigrantes que foram entrevistados na reportagem de 2014; e *Refugiados: Uma História* (11.10.2015), de Leticia Duarte, que traz o caminho percorrido por uma família síria para fugir da guerra.

⁶ Principal periódico do estado do Rio Grande do Sul.

Em “Os Novos Imigrantes”, a descrição do personagem Babu Gai, alfaiate e imigrante de Gâmbia, destaca que ele “parece um rapper americano” por ter dedos cobertos por anéis grossos e um enorme relógio dourado no pulso (TREZZI e ROLLSING, 2014). Cabe ressaltar que a análise dessa reportagem não tem a pretensão de condenar o jornalista, apontar se está certo ou errado, mas sim refletir sobre a evocação de mapas de significado do leitor, consolidadas por estereótipos e pelo senso comum, que tendem a formar opinião sobre o Outro. Neste caso, sob o pretexto do relato objetivo, o jornalismo deixa de oportunizar uma reflexão e dar espaço de fala ao entrevistado, além de desperdiçar uma história diferente sobre a origem e os significados dos adornos para aquele sujeito.

Observa-se também que essa reportagem evitar explorar os casos de racismo e xenofobia envolvendo os moradores da serra gaúcha e os imigrantes, tratando as denúncias como “polêmica”. Já na segunda reportagem, ambientada no estado do Acre, diversos casos de racismo contra os estrangeiros são contextualizados, como o medo da população “de contrair doenças” e até mesmo as agressões verbais que ocorreram no entorno do abrigo que recebia os imigrantes. O apontamento da xenofobia em outra territorialidade pode exemplificar um tipo de crítica ao tratamento que o outro confere para o outro. Ou seja, se no estado do Rio Grande do Sul esse tipo de situação era descrita como “polêmica” ou como “casos isolados”, na narrativa de “Inferno na terra prometida” há um enfoque bastante claro no que se refere a um possível padrão da recepção dos acrianos e de cidadãos de outros lugares com o sujeito diferente no seu espaço social.

A preocupação com o valor da objetividade e a hesitação dos jornalistas em aprofundar casos de racismo torna a relação da imprensa com os movimentos sociais, há tempos, tumultuada; já que de acordo com o movimento negro as matérias são imprecisas e partem apenas do relato do ato de violência. De acordo com a pesquisadora Rachel Mourão, é justamente a busca pela objetividade e neutralidade que faz a cobertura dar mais espaço a manifestações conservadoras e marginalizar movimentos contra o racismo. Os motivos apresentados destacam que setores de classe mais alta não são reprimidos da mesma forma que setores marginalizados, e no Brasil os protestos e denúncias contra o racismo dificilmente contam com o apoio de fontes oficiais. Além

disso, as pautas antirracistas são estruturais e envolvem a crítica direta às instituições (MOURÃO, 2020).

Neste ano, o caso do assassinato de George Floyd⁷ por um policial nos Estados Unidos, teve grande repercussão no mundo e no Brasil. Na Rede Globo, o Jornal Nacional produziu cerca de 10 reportagens durante um mês desde o dia da morte, em 25 de maio (DIAS, 2020). Diferentemente do que costumamos assistir nos casos brasileiros de mortes cometidas por policiais, em que a raça das vítimas não é descrita, os âncoras William Bonner e Renata Vasconcellos se referiam ao “assassinato de um homem negro por um policial branco”. Entre os exemplos recentes que não aprofundaram a questão racial brasileira estão o do músico Evaldo Rosa, que teve o carro fuzilado pelo Exército por 80 tiros; o da menina Ágatha Félix, morta pela polícia no Complexo do Alemão; e a de João Pedro⁸, que teve a casa onde brincava alvo de mais de 70 tiros da polícia. Todas as vítimas tinham em comum a cor da pele. Essa comparação remete ao que já apontamos anteriormente, muitas vezes, a reflexão mais subjetiva em relação à violência é uma resposta de como o outro opera no tratamento ao outro, ou seja, o racismo norte-americano não diz respeito diretamente sobre a estrutura racial brasileira, embora, inegavelmente, ocasione reflexos aqui também.

Por outro lado, a construção das narrativas são bem próximas, com imagens que dão mais ênfase à violência e ao ato em si, conforme o relato objetivo presume. No caso Floyd, inicialmente, as reportagens na imprensa brasileira exibiam repetidamente o vídeo que mostrava o momento da asfixia e focavam apenas na destruição e queima de prédios na cidade de Minneapolis, decorrentes dos protestos contra o assassinato de Floyd, sem questionar a opressão e a formação do racismo, que causaram séculos de discriminação e violência contra a população negra.

No Black Lives Matter, nossos estudos entre 2013 e 2015 mostram que a violência ainda era a maior preocupação editorial nos jornais, que só dedicaram espaço à insatisfação com o tratamento dado pela polícia às minorias após o fim do julgamento dos réus, mas nunca de forma a legitimar suas demandas (MOURÃO, 2020).

⁷ Morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>

⁸ Fontes: El País https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557530968_201479.html; e G1 <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghtml>; <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/17/jovens-que-estavam-com-o-menino-joao-pedro-dizem-que-nao-viram-bandidos-antes-do-menino-ser-baleado.ghtml>

Nas semanas seguintes, o enfoque do Jornal Nacional começou a mudar e a cobertura dos protestos antirracistas nos Estados Unidos deram maior espaço às falas de manifestantes, com os textos dos repórteres e apresentadores abordando o tema do racismo e da violência policial (DIAS, 2020). Os repórteres entravam ao vivo e narravam as ações que aconteciam em várias cidades. Ainda assim, o que se percebia é que o jornalismo brasileiro evitava evidenciar o racismo estrutural tão presente no Brasil e nas suas corporações policiais (DIAS, 2020). Foi nesse mesmo período que a Globo News realizou um debate sobre racismo apenas com jornalistas brancos. Devido à repercussão negativa nas redes sociais e após fortes críticas, a emissora acabou voltando atrás e posteriormente realizou um debate sobre o tema com a presença exclusiva de jornalistas negras e negros⁹.

Ao pensar a construção dessas coberturas, é preciso considerar que narrativas imagéticas que se propõem a reportar o fato de maneira objetiva, como a imagem de Floyd sendo asfixiado pelo policial, têm sido ainda mais difundidas com a velocidade das mídias digitais. Ao mesmo tempo em que o jornalismo busca se diferenciar de meios desprovidos de pensamento crítico, o compromisso com a objetividade jornalística e a preocupação com a credibilidade do veículo, demonstram insegurança dos profissionais e das empresas de comunicação em explorar questões estruturais da sociedade, como se o posicionamento contra o racismo e a homofobia, por exemplo, fosse “escolher um lado”. Em um país como o Brasil, em que a violência e a discriminação contra mulheres, negros, indígenas e lgbts é cotidiana, a busca pela objetividade e pela neutralidade da imprensa não estaria também contribuindo para a banalização de situações humanas inaceitáveis, ou seja, para a banalidade do mal? Por banalidade do mal, Hannah Arendt refere-se na tese exposta no livro “Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal” (1963) ao mal praticado no cotidiano como um ato qualquer.

O desafio na construção da narrativa imagética, tal qual na da narrativa textual, é ultrapassar e desnaturalizar a banalidade do mal. Exige-se a sensibilidade contextualizada de quem constrói a narrativa e de quem lê a narrativa, para além dos

⁹ Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sobre-globo-e-racismo-o-buraco-e-mais-embaixo/>

recursos circunscritos pela objetividade, de modo a conduzir o espectador/leitor a diversas reflexões sobre segregação, preconceito, racismo e para a desconstrução de estereótipos. Para além, o espaço de voz ocupado pelo outro também representa um dispositivo importante para a diversidade dos discursos presentes.

Nas narrativas sobre imigrantes de origem africana ou caribenha mencionadas neste artigo, as reportagens operam organizadas na forma de narrativas lineares, que demarcam o lugar do texto jornalístico com seu estilo objetivo e expressões tradicionais da linguagem. O espaço de voz das fontes especialistas mostra-se ativa na construção do outro como outro determinado, visto que a representação do comportamento do imigrante é descrito pelo narrador e pelas vozes ditas oficiais. Dessa forma, não há, por exemplo, a abordagem da falta de políticas públicas em relação às necessidades decorrentes da chegada de estrangeiros ao território brasileiro e do racismo encontrado aqui. Uma vez que a lógica de produção está baseada no princípio científico, se omite do processo a própria constituição dos sujeitos. Assim, a maneira como será focalizada a história revela que, na maioria das vezes, o outro não pode falar.

No entanto, em “Inferno na terra prometida”, percebeu-se que o processo da viagem revelou-se como um importante deslocamento do repórter de sua zona de conforto. A travessia proporcionou maior entrega do narrador à subjetividade. O repórter descreve uma tensão ocorrida entre jornalistas e imigrantes no ônibus com destino a São Paulo, evidenciando um encontro de um Eu com o Outro. Ao avistar o equipamento de gravação, um grupo de haitianos não quis ser fotografado. O texto classifica a atitude como “hostil”. Ainda que nesse choque entre narrador e personagem haja a presença de uma fixação de significados, já que é atribuído ao outro um determinado comportamento, ao mesmo tempo é bastante significativo o repórter expor os confrontos havidos, pois a subjetividade da relação do jornalista diante de seu representado é colocada em questão.

Em comparação à primeira reportagem, “Os Novos Imigrantes”, a narrativa de “Inferno na terra prometida” acaba mostrando maior singularidade nas falas dos imigrantes e maior diversidade de histórias, de onde vieram, o que sentem, pra onde esperam ir. Quando o jornalismo tem a capacidade de captar essa diversidade de

discursos, de modo que consiga se fazer ouvir institucionalmente, as singularidades do outro podem provocar uma maior reflexão em públicos mais diversos. Contudo, se essas vozes somente servem para ilustrar os argumentos do narrador, elas apenas funcionam como declarações genéricas, sem abrir discussões para enredos até então não explorados.

O aprofundamento de questões que são estruturantes nas sociedade e, por consequência, expõem os espaços de poder e de representação, requer desacomodação. O reconhecimento de uma subjetividade no fazer jornalístico é o que poderia gerar alteridade, resgatando a humanidade do outro e a do outro em nós, a fim de valorizar o outro na sua diferença e dignidade. Seja quando a subjetividade do narrador está posta na narrativa, seja revendo escolhas editoriais como a posterior realização de um debate sobre racismo com jornalistas negros. Pois no jornalismo sempre há a presença de um Eu que constrói um Outro. Um Eu cuja condição de reflexividade sobre sua cultura e seu lugar social é peça chave para uma dimensão ética e um avanço em relação ao contato com o diferente.

Considerações

“Como ser neutro, fazer um poema neutro se há uma ditadura no país e eu estou infeliz?”. As palavras do poema de Ferreira Gullar nos lembram que acreditar e defender que uma narrativa seja neutra, ainda que o seu objetivo seja esse, é desconsiderar que estamos conectados à nossa subjetividade. Mais do que apontar resultados, propomos aqui mais um caminho de reflexão, uma vez que o jornalismo, enquanto instituição legitimada para falar, mostra-se um campo fértil para a reprodução de padrões ao público.

Há de se considerar que na comunicação jornalística encontra-se uma sobreposição de vozes e, em geral, pelo menos três narradores: o veículo, o jornalista e o personagem. No decorrer desse processo de enunciação, cada assunto terá uma negociação política e simbólica entre esses narradores pelo poder de voz. Assim como há a subjetividade do discurso do narrador/veículo que integrará a narrativa, há também a visão de mundo do público do jornal. A seleção sistemática de acontecimentos, justificadas e embasadas por critérios que postulam crenças na objetividade, contribui

para a homogeneização das narrativas que, por sua vez, representam uma cultura ou o sujeito por apenas uma única história, que será identificada como a realidade e tem o potencial de formar opinião.

No processo de narrar um mundo em mudanças, ainda que possam ser mínimas, o jornalismo ainda tem de aprender a lidar com o outro - é o imperativo básico da sua existência. Se liberar de convenções seculares e buscar novas formas e modelos, significa compreender melhor uma sociedade que é volátil. Não se trata de eliminar a importância do relato objetivo, mas ressaltar que se há um interesse nesse outro apenas como um objeto-pretexo e a subjetividade de quem produz sua representação é desconsiderada, poderíamos estar somente contribuindo para a banalização do mal (ARENDETT, 1999) e de situações humanas inaceitáveis.

Referências

DIAS, Mabel. **Emissoras de tv seguem silenciando as vozes negras sobre racismo no Brasil.** [S.I.] 2020. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/emissoras-de-tv-seguem-silenciando-as-vozes-negras-sobre-racismo-no-brasil/>. Acesso em: 10 ago 2020.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente:** como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987. Documento digitalizado: <http://www.adelmo.com.br/index3.htm> Acesso em: 25 jul 2018.

GROSFUGUEL, Ramón. **Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas:** para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. Contemporânea, Revista de Sociologia da UFSCar, vol.2, n.2, 2012.

HALL, Stuart. Chritcher, C; Jefferson, T; Clarke, J; Roberts, B. **A produção social das notícias:** O mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. 2a ed. Lisboa: Vega Editora, 1999.

MEDITSCH, Eduardo. **Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação:** ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo. In: X Encontro da Compós, 2001, Brasília. Anais. Brasília: UnB, 2001.

MOURÃO, Rachel. **O caso George Floyd nos EUA e no Brasil.** [S.I] 2020. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/george-floyd-brasil-eua/>. Acesso em: 10 ago 2020.

PAULA, Gabrielle Santos de. **Nas fronteiras da alteridade:** a representação do espaço do imigrante na narrativa jornalística de *Zero Hora* (2014 -2015). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado, 2019.

RESENDE, Fernando. **O discurso jornalístico contemporâneo:** entre o velamento e a produção das diferenças. São Paulo: Revista Galáxia, 2007.

_____. **O Jornalismo e suas narrativas:** as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

TRAQUINA, Nelson. **As teorias do jornalismo.** In: TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular,. 2012. V. 1.

VEIGA, Márcia. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis:** um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado, 2015.